

Visão

22-09-2022

Periodicidade: **Semanal**

Classe: **Informação Geral**

Âmbito: **Nacional**

Pagina(s): **58,59,60,61,62,63,64,65**



Alisher Usmanov Roman Abramovich Suleiman Kerimov

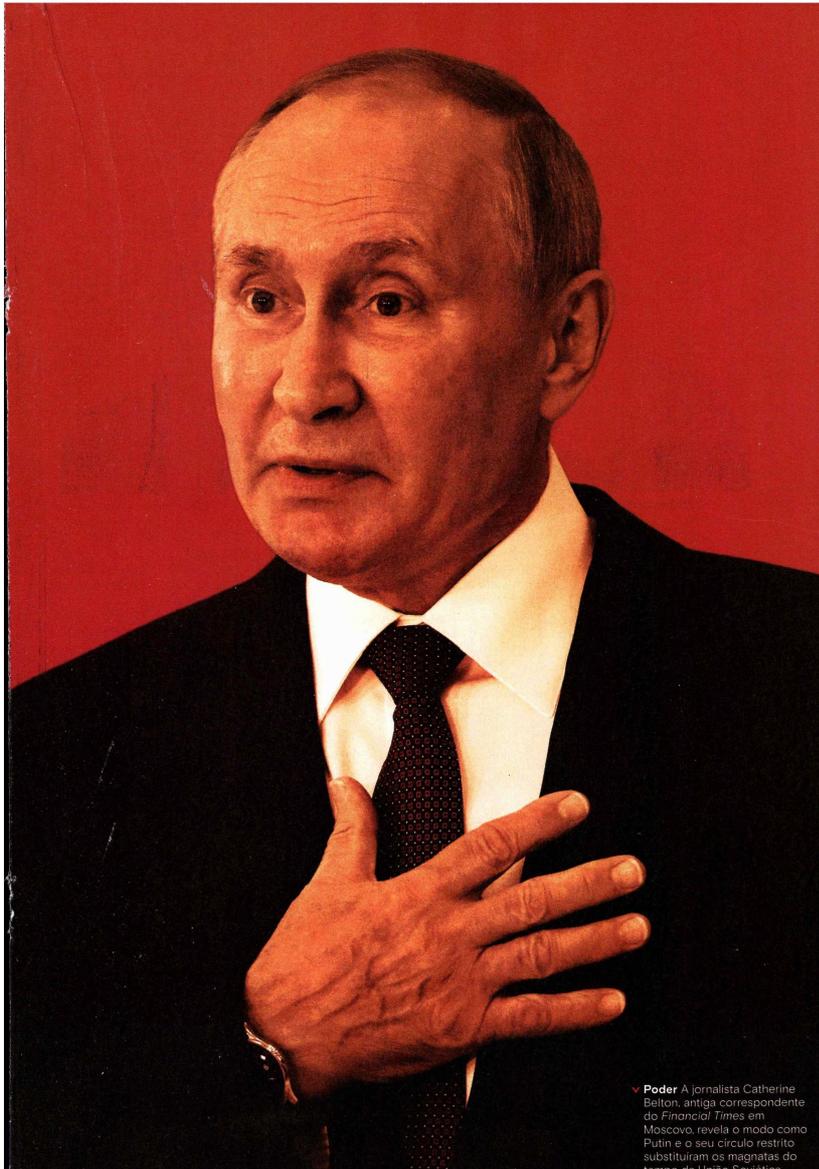
RÚSSIA

OS HOMENS DE PUTIN

Uma impressionante investigação jornalística conduziu a britânica Catherine Belton a revelar, ao pormenor, as redes através das quais o Presidente russo e uma cúpula de oligarcas tomaram o poder. A partir da Rússia, a influência político-económica estendeu-se, depois, às empresas e às instituições do Ocidente – como bem ilustra o capítulo dedicado a Londres, que a VISÃO aqui apresenta em pré-publicação

— POR **CATHERINE BELTON**

Visão	Periodicidade: Semanal
22-09-2022	Classe: Informação Geral
	Âmbito: Nacional
	Página(s): 58,59,60,61,62,63,64,65

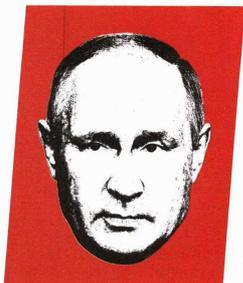


▼ **Poder** A jornalista Catherine Belton, antiga correspondente do *Financial Times* em Moscovo, revela o modo como Putin e o seu círculo restrito substituíram os magnatas do tempo da União Soviética.

Visão

22-09-2022

Periodicidade: **Semanal**
 Classe: **Informação Geral**
 Âmbito: **Nacional**
 Pagina(s): **58,59,60,61,62,63,64,65**



Quando Roman Abramovich partiu para desempenhar o cargo de governador da região de Chukotka, uma área remota e gelada no extremo oriental do país, na margem do estreito de Bering oposta à do Alasca, ainda decorria o primeiro ano da presidência de Vladimir Putin. O seu destino era um lugar nos confins do mundo, esquecido por Deus, a 6000 quilómetros de Moscovo, onde as árvores raramente cresciam e os ventos uivavam tão violentamente que arremessavam os cães pelo ar para o outro lado da rua. Chukotka fora sempre escassamente povoada, mas os seus habitantes tinham praticamente desertado da região após o colapso soviético. A população tinha caído de 153 000 para 56 000 habitantes quando Abramovich chegou, e os que ficaram lutavam para sobreviver, esmagados pela pobreza e pelo alcoolismo. Tinha ido para lá, disse ele numa rara entrevista, porque estava "farto" de ganhar dinheiro a toda a hora. Apresentou sempre a mudança como uma decisão própria, afirmando que queria conduzir "uma revolução rumo a uma vida civilizada". Com a promessa de mudar as coisas para melhor, ganhou as eleições de dezembro de 2000 para governador com 92% dos votos.

A população local de Chukotka venerava o chão que Abramovich pisava. O magnata de rosto de barba curta e sorriso tímido tinha crescido órfão, criado pelos avós numa cidade petrolífera, desoladora e insóspita, no norte da Rússia. Mas agora agia como o benfeitor dos residentes da região, enviando uma equipa de executivos para trabalhar na melhoria dos padrões de vida. Construíram-se novos canais de televisão e rádio, uma pista de bowling, uma pista de gelo coberta e aquecida, e uma sala de cinema. Neste processo gastou muitos milhares de milhões dos seus próprios rublos. Era como se estivesse imediatamente a curvar-se num ato de lealdade aos apelos de Putin para que as grandes empresas assumissem

mais responsabilidade social, após os excessos da década de 90.

Houve quem afirmasse que não lhe tinha sido dada muita escolha. Segundo um magnata próximo dele, foi enviado para Chukotka por ordem de Putin, porque o presidente queria que a fortuna que Abramovich fizera através das suas participações na petrolífera Sibneft e na Rusal, a gigante do alumínio que controlava mais de 90% da produção da nação, estivesse às suas ordens. Não bastava que a fundação caritativa de Abramovich, a Pole of Hope (Polo da Esperança), estivesse pronta para mais tarde doar 203 milhões de dólares à Petromed, a empresa de fornecimento de equipamento médico ligada ao Bank Rossiya. Putin também queria ter acesso ao resto do dinheiro de Abramovich, e as leis da época tornavam mais fácil prender funcionários do que empresários. O investimento de Abramovich de grandes quantidades da sua própria fortuna em Chukotka parecia reduzir esse risco. Mas a ameaça de encargos fiscais semelhantes aos cobrados contra a Yukos pairava sempre sobre a Sibneft – especialmente porque o investimento pessoal de Abramovich em Chukotka parecia, a alguns, fazer parte de um processo de dois sentidos que o deixou ainda mais firmemente enganchado ao Kremlin. Pouco depois de Abramovich se tornar governador, a Sibneft transferiu uma grande parte das vendas de petróleo através de empresas comerciais registadas na região extremo oriental do país, às quais foram prontamente concedidas centenas de milhões de dólares em benefícios fiscais. Um porta-voz de Abramovich contesta esta teoria e observa que Abramovich foi eleito para a Duma como representante de Chukotka, antes de Putin se tornar presidente.

Estes esquemas fiscais eram notavelmente semelhantes aos que tinham levado Khodorkovsky à prisão – e proporcionaram à Sibneft a oportunidade de pagar ainda menos impostos do que a Yukos. Como se fosse um aviso, apenas alguns meses depois, Abramovich foi conduzido ao Ministério Público de Moscovo para ser interrogado. A alegada fraude fiscal em questão parecia comparativamente minúscula: 350 000 dólares em pagamentos inferiores aos da Yukos. Mas três anos mais tarde, em março de 2004, logo após o ministério fiscal russo ter cobrado a primeira de uma série de dívidas fiscais que acahariam por levar a Yukos à falência e a ser apropriada pelo Estado, a soma cresceu subitamente. A Sibneft estava

agora a ser investigada por mais de 1000 milhões de dólares em alegados pagamentos insuficientes para o ano de 2001.

Como resultado da investigação, nada aconteceu, e a Sibneft sempre insistiu que os seus esquemas fiscais estavam em conformidade com a lei. Mas a omnipresente ameaça de acusações de fraude fiscal fazia parte de um processo que pressionava os oligarcas da era Ieltsin a tornarem-se mais subservientes ao regime de Putin. Parecia a alguns que Abramovich, muito antes dos outros, tinha sido o primeiro a ceder. Como que para o sublinhar, quando, após oito anos de serviço árduo, o mandato como governador de Chukotka chegava ao seu termo, Putin ter-lhe-á dito que o seu próximo destino seria outra região empobrecida e desolada no extremo leste da Rússia. "Ele é um tipo jovem. Deixem-no trabalhar", dissera Putin. "Era suposto ele ir para Kamchatka e gastar ainda mais dos seus recursos", explicou uma pessoa próxima de Abramovich. Somente após uma longa negociação, Abramovich acabou por se ver livre dessa incumbência.

Após o julgamento de Khodorkovsky, os empresários russos estavam todos demasiado conscientes de que, a qualquer altura, poderia ser aberto um processo criminal contra eles no qual, culpados ou não, as probabilidades estariam contra eles desde o início. Estava a ser ressuscitado um sistema feudal, onde os proprietários das maiores empresas do país, especialmente as do setor dos recursos estratégicos, começavam a operar como gestores contratados, trabalhando em nome do Estado. Não eram mais do que tutores e mantinham os seus negócios pela graça do Kremlin.

Esta mentalidade tinha as suas raízes no sistema czarista, nas crenças de homens como Jean Goutchkov e Serge de Pahlen. Os homens do KGB de Putin eram os novos governantes imperialistas do país, os legítimos donos dos seus recursos, e os seus ativos deveriam ser distribuídos aos favoritos do Kremlin que trabalhariam para o Estado e, claro, pagariam tributos aos seus senhores. "Em 2003, a primeira fase da transição da Rússia – a fase do capitalismo oligárquico – terminara, e a segunda fase – a do capitalismo amigo do Estado – começara", afirmou Yevgeny Yasin, um influente economista que tinha sido uma figura de proa

nessa transição. Os homens do KGB que tinham chegado ao poder, disse ele, achavam que tinham todo o direito de considerar a riqueza do país como sua: "Eles acreditaram que impediram o país de entrar em colapso total. Mas, de facto, limitaram-se a tomar o poder, e o país está a ser governado para a preservação da elite dominante."

Os sinais deveriam ter sido preocupantes. Mas durante muito tempo, parecia que o Ocidente não compreendia a profundidade da transformação da Rússia. A ascensão dos homens do KGB de Putin era evidente, pois afirmavam controlar o setor estratégico da energia do país e os conselhos de administração das maiores empresas estatais. Mas aos olhos do Ocidente, o que restava dos negócios da nação ainda parecia ser em grande parte independente. Os magnatas da era Ieltsin, como Abramovich, eram vistos como símbolos de forças modernizadoras e pró-ocidentais na economia russa. Mais importante ainda, por uma vez, parecia que a economia estava em plena expansão, e cresciam as esperanças de que uma classe média emergente viesse um dia exigir uma maior participação no processo político.

Desde que Putin fora ungido como sucessor de Ieltsin, os preços do petróleo tinham subido, alimentando uma recuperação económica. Em 2005 triplicaram, e o desastroso incumprimento da dívida da Rússia de 40 mil milhões de dólares e a desvalorização do rublo de 1998 pareciam uma memória distante. Nessa altura, o país já tinha 150 mil milhões de dólares em reservas de divisas, a quinta maior do mundo. Sob a orientação do liberal ministro das Finanças Alexei Kudrin, o governo criara um fundo de estabilização a partir das receitas inesperadas dos impostos sobre o petróleo que coletara desde que fizera as alterações ao código fiscal tão combatidas pelos barões do

petróleo. Em 2005, este fundo, que deveria funcionar como um amortecedor para a economia, no caso de uma queda repentina dos preços do petróleo, situava-se em 30 mil milhões de dólares. No ano seguinte, passara para os 70 mil milhões de dólares, enquanto as reservas estrangeiras tinham subido para 260 mil milhões. Os preços do petróleo nessa altura aumentaram para mais de 60 dólares por barril, em comparação com 17,4 dólares em 1999, quando a Rússia mal estava a sair da sua última crise económica e Ieltsin consagrara Putin como seu sucessor. O aumento dos preços do petróleo alterara tudo. A turbulência económica que ajudara a convencer a Família Ieltsin a ceder o poder aos homens da segurança parecia estar a um mundo de distância.

Enquanto Roman Abramovich se esforçava por melhorar o nível de vida em Chukotka, em Moscovo e noutras capitais regionais estava em curso uma transformação mais espontânea. Lentamente no início, e depois cada vez mais depressa, estavam a ser construídos reluzentes centros comerciais ao estilo europeu, nos centros das cidades. Lojas como a Mango, a Benetton, a Diesel e a Adidas substituíram as lúgubres lojas de comida e os armazéns ao estilo soviético de um passado não muito distante. Restaurantes pretensiosos nas cidades das profundezas da Sibéria serviam borrego da Nova Zelândia, vitela da Austrália e vinho francês. A despesa dos consumidores aumentava. De repente, a Rússia começava a ver crescer uma classe média. As pessoas tinham finalmente dinheiro para gastar, após uma década em que as suas poupanças tinham desaparecido duas vezes da noite para o dia. Com a subida do preço do petróleo, o crescimento económico atingiu em média 6,6 por cento nos anos após Putin ter sido elevado à presidência, enquanto o salário médio mensal quadruplicou.

Aqueles foram dias de abundância e estabilidade. E embora nada tivesse que ver com o aumento dos preços do petróleo, foi também então que o estatuto divino de Putin como o czar que salvou a Rússia se estabeleceu. Era parte de um pacto não escrito que o povo da Rússia parecia ter feito com o seu presidente. Optaram por não notar a crescente corrupção estatal, o crescente poder arbitrário do FSB e de todos os ramos das forças da ordem sobre as empresas, grandes e pequenas. Não se preocuparam com a repressão da liberdade de informação, desde que os seus rendimentos estivessem a crescer, desde que finalmente houvesse estabilidade. Estavam a começar a viver como os vizinhos europeus. Putin e os seus homens do KGB, ao que parecia, podiam prender quem quisessem, desde que a classe média emergente pudesse pagar umas férias anuais em lugares como a Turquia.

De qualquer modo, as histórias da tomada do KGB no topo, do desvio de ativos e da subversão do processo legal não chegaram à maioria da população, uma vez que o Kremlin de Putin tinha tomado conta dos meios de comunicação social e erradicado toda a competição política.

Os homens de negócios ligados ao KGB com quem falei referiram-se frequentemente a esta mentalidade para justificar as suas ações e o seu domínio. A tragédia da Rússia, disseram eles, era o povo não querer participar na política – na verdade, nem sabiam como fazê-lo. Isto estava profundamente enraizado na mentalidade nacional desde que a Rússia existia, argumentaram, abanando tristemente a cabeça. Mas, na realidade, eles limitaram-se a aproveitar uma desculpa conveniente para se convencerem de que tinham razão em não permitir que o povo participasse na democracia. O KGB aprendera bem as lições do passado soviético. Em vez de um Estado potente, o capitalismo tinha-se tornado o instrumento que lhes permitia agir como queriam. De facto, eles acreditavam que, tal como o sócio genebrês de Jean Goutchkov afirmara clinicamente, as pessoas estavam satisfeitas se tivessem "um frigorífico, uma televisão, uma casa, filhos, um carro. Quanto ao resto, mais ou menos, ninguém se importa, desde que a sua situação material não seja afetada".

Alguns decisores políticos ociden-

Banqueiros ocidentais afluíram a Moscovo em busca de comissões – alguns na firme convicção de que estavam a fazer "a obra de Deus", trazendo os mercados às pessoas e libertando-as da mão pesada do Estado. Delegações voavam regularmente para Moscovo, vindas da City, para negócios

A compra do Chelsea Futebol Clube fez de Abramovich uma celebridade instantânea na Grã-Bretanha. Um convite para assistir a um jogo no seu camarote privado era um dos bilhetes mais cobiçados na cidade. Para Abramovich, "foi um bilhete de entrada na alta sociedade britânica". disse o magnata russo

tais, no entanto, continuaram a acreditar num sonho diferente para a ascendente classe média russa. A sua esperança era que, à medida que os rendimentos e capacidade de acesso aos países ocidentais crescessem, as pessoas acabassem por exigir mais direitos políticos. Encorajado pela aparente vitória da Guerra Fria, e pela expansão da União Europeia aos países do antigo Bloco de Leste, o Ocidente acreditava na integração global da Rússia e abriu-lhe os seus mercados cada vez mais vastos. A crença no poder da globalização, nos mercados liberais e na democracia estava no seu auge. A expansão da Europa para Leste foi "o contributo mais importante para a paz, estabilidade e prosperidade na Europa nos últimos anos", disse o comissário europeu para o Alargamento, Gunter Verheugen, nos dias agitados de 2004.

As empresas russas apressaram-se a listar as suas ações nas bolsas de valores ocidentais, em particular em Londres. Só em 2005 angariaram mais de 4 mil milhões de dólares em vendas de ações nessa praça, em comparação com 1,3 mil milhões de dólares em todos os mercados nos treze anos seguintes ao colapso soviético. No Ocidente acreditava-se firmemente que estas empresas, e a maioria dos magnatas da era Ieltsin por detrás delas, representavam o futuro da Rússia. Apesar dos receios suscitados pela aquisição da Yukos pelo Estado, havia a convicção de que o número crescente de ofertas era um sinal de que a Rússia estava a amadurecer como economia de mercado.

As empresas que se dirigiam a Londres tinham de ter três anos de contas auditadas de acordo com os padrões internacionais, bem como pelo menos seis meses de ações listadas em Moscovo, para se qualificarem a fim de serem cotadas na Bolsa de Londres. Muitos no mundo ocidental acreditavam que quanto mais empresas russas estivessem cotadas no Ocidente, mais teriam de se adaptar às regras ocidentais de transparência e governação. "A crença era que os oligarcas que estavam cotados teriam de obedecer às regras de governação empresarial, que se tornariam parte do sistema global", disse Nigel Gould-Davies, um antigo adido económico na embaixada do Reino Unido em Moscovo e mais tarde embaixador do Reino Unido na Bielorrússia. Em vez do comportamento agressivo da transição operada na década de 90, disse ele, "eles mudariam o seu comportamento porque tinham de o fazer". Uma cotação em Londres foi também encarada como oferecendo uma camada suplementar de proteção contra o ataque dos siloviki de Putin, e um símbolo prezado de respeitabilidade.

Os banqueiros e decisores políticos ocidentais depositaram as suas esperanças no florescente exército de empresas russas em Londres, contribuindo ainda mais para o crescimento da classe média da Rússia. A geração de empresários em desenvolvimento, pensava-se, iria um dia pressionar o governo de Putin para uma liberalização do ambiente político e económico. "As hipóteses de que as coisas continuem a avançar na direção certa são grandes, devido às mudanças na sociedade", disse Stephen Jennings, o diretor neozelandês de um dos maiores bancos de investimento de Moscovo,

o Renaissance Capital. "A dada altura, estas condições exigirão um líder muito mais liberal e modernizador. Só não sabemos se esse será o próximo ou o que se seguirá."

Banqueiros ocidentais afluíram a Moscovo em busca de comissões – alguns na firme convicção de que estavam a fazer "a obra de Deus", trazendo os mercados às pessoas e libertando-as da mão pesada do Estado. Delegações voavam regularmente para Moscovo, vindas da City, para negócios, sublinhando os benefícios da "regulamentação flexível" de Londres. Numa altura em que os mercados emergentes em todo o mundo estavam em expansão – sobretudo na China e na Índia –, a Rússia tinha-se tornado a maior fonte de ofertas internacionais na Bolsa de Londres.

Talvez fosse porque a City londrina ficara tão fascinada com a enxurrada de dinheiro que banqueiros e investidores frequentemente optassem por não se preocuparem com a possibilidade de a vaga seguinte de ofertas russas ser completamente diferente. As empresas que vinham para Londres eram agora principalmente os novos colossos do capitalismo estatal de Putin, cujo interesse em liberalizar a economia russa era nulo. A City também optou por ignorar o facto de que existiam grandes lacunas na transparência das estruturas de propriedade e nas contas financeiras de algumas destas empresas. Uma das razões por que as empresas russas se dirigiam a Londres em massa era o facto de as normas exigidas para a sua listagem em bolsa serem muito menos rigorosas do que as de Nova Iorque. Nos Estados Unidos, os regulamentos exigiam que os diretores-executivos e diretores financeiros das empresas que procuravam uma entrada em bolsa aprovassem a precisão das contas financeiras. Se algo se revelasse não verdadeiro ou fraudulento, era tratado como um delito criminal. "Nenhuma empresa russa estava preparada para isso. Precisávamos de mais cinco anos, talvez mais, para ter tudo em ordem", disse Dmitry Gololobov, um advogado russo que trabalhou numa cotação americana de certificados de depósito globais para a Yukos, que abandonou tais planos devido aos riscos. Em Londres, porém, as empresas que cotaram certificados de depósito globais foram bem recebidas por um sistema que permitiu um nível muito inferior de diligência prévia, e deixou aos investidores a responsabilidade de

Visão

22-09-2022

Periodicidade: **Semanal**Classe: **Informação Geral**Âmbito: **Nacional**Pagina(s): **58,59,60,61,62,63,64,65**

verificarem se a informação fornecida pela empresa estava ou não correta.

As cotações russas forneciam a Londres um enorme fluxo de receitas para exércitos de banqueiros, advogados, consultores e empresas de relações públicas. A City estava inundada de dinheiro russo. Mas em vez de a Rússia se alterar por via da sua integração nos mercados ocidentais, eram eles que estavam a mudar o Ocidente. Os magnatas que vinham para Londres e, que o Ocidente esperava que se tornassem forças motrizes independentes para a mudança, estavam, ao invés, a ficar cada vez mais dependentes do Kremlin, reféns do Estado gradualmente mais autoritário e cleptocrático de Putin. Em vez de levar a Rússia a alinhar com o seu sistema baseado em regras, lentamente, o Ocidente estava a ser corrompido. Era como se lhe estivesse a ser injetado um vírus.

O caminho tinha sido suavizado em parte, aparentemente, quando Roman Abramovich comprou o Chelsea Football Club de Londres, no verão de 2003. A compra de 150 milhões de libras (240 milhões de dólares) foi um autêntico golpe de relações públicas. Os jornais londrinos maravilharam-se com o Boeing 767 privado de Abramovich quando ele aterrou em Londres para inspecionar o seu novo clube. Dedicaram copiosos espaços de colunas aos seus luxuosos iates, incluindo o maior do mundo, o Eclipse, um palácio flutuante de 168 metros equipado com duas helipistas e o seu próprio submarino. O oligarca reservado, de barba rala e que usava um simples par de jeans, foi elogiado ao gastar fundos generosos na compra de jogadores mundialmente famosos para o Chelsea, e na modernização do estádio em Stamford Bridge. Poucos quiseram saber de onde vinha o seu dinheiro. "É uma exposição muito boa", disse um antigo associado de Abramovich. "Com o Chelsea, ele receberá três páginas no verso dos jornais, e não há nada de mau. Ninguém o questiona."

Segundo Sergei Pugachev, o Kremlin de Putin avaliara com precisão que a forma de ganhar aceitação na sociedade britânica era através da maior paixão do país, o seu desporto nacional. Na opinião de Pugachev, desde o início, a aquisição tinha sido destinada a construir uma ponte para a influência russa no Reino Unido. "Putin falou-me pessoalmente do seu plano de adquirir



O livro

Os Homens de Putin
Considerado Livro do Ano por numerosas publicações, *Os Homens de Putin* (Ideias de Ler, 644 págs., €24,90), cuja tradução portuguesa chega agora às livrarias é, nas palavras da própria autora, Catherine Belton, "a história da ascensão ao poder do grupo do KGB de Putin, e de como eles sofreram uma mutação para enriquecerem no novo capitalismo". De Moscovo à administração de Trump, passando por Londres, a jornalista britânica desvenda os misteriosos caminhos do dinheiro, da corrupção e do poder do Kremlin.

o Chelsea Football Club, a fim de aumentar a sua influência e elevar o perfil da Rússia, não só junto da elite mas também do povo britânico comum", disse ele, referindo-se a um encontro que afirmava ter tido com Putin, um ano antes de Abramovich fazer a compra. Para um outro magnata russo e antigo associado de Abramovich, também parecia que Putin terá pedido a Abramovich para comprar o clube. A compra fez de Abramovich uma celebridade instantânea na Grã-Bretanha. Um convite para assistir a um jogo no seu camarote privado era um dos bilhetes mais cobiçados na cidade. Para Abramovich, "foi um bilhete de entrada na alta sociedade britânica", disse o magnata russo.

O antigo associado de Abramovich também sugeriu que a jogada de Abramovich para a Primeira Liga de Futebol parecia ter como objetivo aumentar a influência da Rússia junto da FIFA, a Federação Internacional de Futebol, que, mais tarde, escolheu o país para acolher o Campeonato do Mundo de 2018. "Putin pediu a Roman que entrasse no futebol", afirmou esse ex-associa-

do de Abramovich. "Ele achava que o deveriam fazer para ganhar influência na FIFA, que era conhecida como uma organização corrupta."

O capitalismo do KGB estava a reforçar-se, à medida que alargava o seu alcance ao Ocidente, enquanto os preços da energia continuavam a subir em flecha. A aquisição da maior parte do petróleo da Sibneft de Abramovich fez parte dessa transformação. Em setembro de 2005, também ele foi engolido pelo Estado, enquanto o Kremlin prosseguia o seu impulso para assumir o controlo do setor estratégico da energia. No entanto, em vez de ir parar à prisão como Khodorkovsky, e de a sua empresa falir com uma dívida de milhares de milhões de dólares em impostos retroativos, Abramovich conseguiu vender a Sibneft ao Estado por 13 biliões de dólares – em dinheiro. Em vez de se fundir com a Yukos e vender a empresa à Exxon ou à Chevron dos EUA, como ele e Khodorkovsky tinham planeado, houve quem ficasse com a ideia de que Abramovich se tinha curvado à nova ordem do Kremlin. Mais uma vez, ele não tinha muito por onde escolher. A venda da Sibneft a Gazprom no final de 2005 foi outra etapa no processo através do qual a tomada do setor de energia do Kremlin ganhou legitimidade internacional, alimentando ainda mais a expansão do mercado de ações russo.

O acordo foi feito num processo de várias etapas, que começou apenas duas semanas após um tribunal de Moscovo ter finalmente pronunciado o veredito de culpa contra Khodorkovsky, em maio de 2005. Foi então que o governo russo procurou aumentar o ânimo dos investidores estrangeiros com um aliciamento maior, anunciando que iria pedir um empréstimo de 7 mil milhões de dólares a bancos internacionais para aumentar a sua participação na Gazprom, para um controlo de 51%. Esta era a jogada que os investidores estrangeiros esperavam há muito tempo. Pode ter parecido falta de intuição achar que mais controlo governamental sobre a Gazprom seria bom para eles, mas durante anos tinham sido impedidos de negociar livremente ações no maior produtor mundial de gás, porque o governo russo não detinha oficialmente uma participação maioritária na Gazprom. É claro que, efetivamente, o Estado controlava o gigante do gás, mas no papel só detinha 38%, e o governo temia que, sem restrições sobre a quantidade que poderiam possuir, os investidores estrangeiros pudessem

assumir o controlo da empresa com maior importância estratégica da Rússia. No ano anterior, quando anunciou planos para fundir a Gazprom com a Rosneft, o governo acenara com a possibilidade de poder aumentar a sua participação para uma posição de controlo, e levantar as restrições, criando assim o maior acesso possível de energia do mundo a investidores estrangeiros. Mas estes planos desmoronaram-se quando a Yukos apresentou em Houston o seu derradeiro processo de protecção contra falência, e a Rosneft adquiriu a Yuganskneftegaz da Yukos em vez da Gazprom, devido aos riscos legais. A aquisição da Yugansk pela Rosneft almeçou as ambições do seu presidente, Igor Sechin, de construir o seu próprio gigante estatal de energia, independente da Gazprom, e as lutas intestinas entre os dois titãs estatais goraram o plano de fusão.

Agora que a poeira assentara, o governo anunciou um acordo muito mais simples. Ia pedir emprestados 7 mil milhões de dólares a bancos internacionais para comprar as ações de que necessitava para aumentar a sua participação na Gazprom, e ia comprá-las à própria empresa. O anúncio levantou ondas de ânimo no mercado de ações, após o difícil caso de Khodorkovsky. Agora que o julgamento dele terminara, os investidores acreditavam que uma crise fora ultrapassada. O levantamento das chamadas restrições circunscritas à propriedade estrangeira tinha sido sempre visto como uma forma de o Kremlin comprar o favor de investidores estrangeiros após a forçada venda tóxica da Yugansk. Agora os investidores estrangeiros esperavam que o veredicto de Khodorkovsky fosse o fim da ofensiva estatal, que o seu julgamento fosse um caso isolado, e que o Kremlin não confiscasse mais bens. A bolsa de valores floresceu e o índice RTS duplicou em seis meses. O crescimento económico, que atrofiara durante o caso Khodorkovsky, recuperara totalmente, impulsionado pelas ações da Gazprom, que subiram mais de 100%. Fazia parte de uma cegueira voluntária para o alcance crescente do Estado: isso não importava, desde que os preços das ações estivessem em alta.

A Gazprom, por sua vez, anunciou que iria utilizar o dinheiro que recebeu do governo em troca das suas ações para uma aquisição própria: em vez de levar a Sibneft de Abramovich à falência e depois tomar o controlo, iria comprá-la. Isto era um compromisso, no meio das lutas internas com

Sechin, que daria à Gazprom uma operação petrolífera própria. No final, a Gazprom comprou a Sibneft a Abramovich por 13 mil milhões de dólares, num negócio que parecia sublinhar o quanto o destino de Abramovich diferia do de Khodorkovsky. O negócio colocou mais uma grande empresa petrolífera do setor privado nas mãos dos homens de Putin. Mas Abramovich parecia ter-se afastado com um preço de mercado justo para a sua empresa, sem os encargos da venda forçada, falência e impostos retroativos do caso Khodorkovsky – apesar de a Sibneft ter pagado uma taxa de imposto efetiva ainda mais baixa do que a Yukos alguma vez teve. Foi elogiado como o maior negócio de aquisição na história da Rússia, e foi visto pelo mercado como um sinal de que o Kremlin ultrapassara o caso Yukos, e de que não ocorreriam mais expropriações.

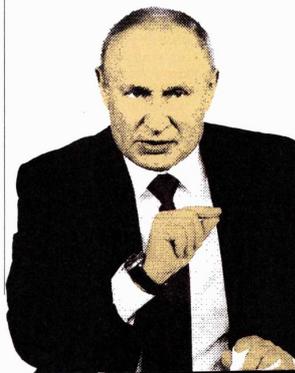
Mas, na realidade, era apenas mais uma manobra de um capitalismo emergente do KGB. Boris Berezovsky foi a fonte pública de rumores de que Abramovich teria de dividir com os homens de Putin a maior parte dos 13 mil milhões de dólares que recebera. “Há muito tempo que digo que Putin é um parceiro de negócios de Abramovich”, disse na altura o seu antigo parceiro de negócios Boris Berezovsky. “Não tenho dúvidas de que os lucros da venda da Sibneft serão partilhados entre Abramovich e Putin, assim como entre vários outros indivíduos.”

Estava a tornar-se um sistema em que todos os negócios de qualquer escala dependiam da boa vontade do Kremlin, onde os magnatas tinham de servir o Estado a fim de preservar a sua posição e riqueza. Mas era também um sistema que, sub-repticiamente, ganhava uma aceitação e legitimidade internacionais cada vez maiores. Embora o Ocidente tivesse aceitado imediatamente o que acreditava serem magnatas de espírito liberal como Abramovich, também começara a reconciliar-se com a nova ordem energética do Kremlin.

No ano seguinte, no verão de 2006, deixou de lado as preocupações sobre o que na prática fora o confisco da principal unidade de produção da Yukos, a Yugansk, e permitiu que a Rosneft realizasse uma oferta pública inicial na Bolsa de Londres. Foi então que ocorreu o primeiro verdadeiro golpe à integridade dos mercados ocidentais.

Seduzidos pelos milhares de milhões de dólares em negócios que se estavam a espalhar, os bancos globais de investimento estavam a afluir de novo a Moscovo – alguns pela primeira vez desde que ficaram arruinados na crise de agosto de 1998. As fusões e aquisições, só em 2006, atingiram 71 mil milhões de dólares. Mas os magnatas com quem os investidores estrangeiros festejavam nos clubes e restaurantes cada vez mais sofisticados de Moscovo eram, nessa altura, frequentemente representantes dos interesses do Kremlin. Havia Suleiman Kerimov, de 41 anos de idade, natural do Daguestão, a região volátil vizinha da Chechénia. Tinha chegado pela primeira vez às manchetes em 2006, quando espertou o seu Ferrari contra uma árvore no Passeio dos Ingleses, em Nice, e quase morreu de queimaduras, após o que se retirou para o fresco do ar condicionado e baixa luminosidade do seu escritório no último andar de uma casa em Moscovo fortemente vigiada, com as mãos queimadas protegidas por luvas finas sem dedos. Uma vez recuperado, tornou-se novamente notícia pelas suas festas luxuosas, onde pessoas como Beyoncé cantavam para os banqueiros de topo da Morgan Stanley e da Goldman Sachs na sua mansão em Cap d'Antibes. No início de 2007, a revista Forbes estimou a sua fortuna em 14,4 mil milhões de dólares, fazendo dele o segundo homem mais rico da Rússia, depois de Abramovich.

As fortunas feitas sob o regime de Putin eram muitas vezes maiores do que as da era de Ieltsin, e a forma como os magnatas construíam a sua riqueza era muito diferente. Tudo era ditado pelo Kremlin. As oportunidades nos negócios dependiam de Putin, a quem os magnatas e os seus subalternos se referiam em sussurros como “o papa”



ou "o número um", apontando para o teto para o indicar. (Muitas foram as reuniões em que participei onde me disseram para deixar o meu telefone numa secretária fora do escritório da pessoa que estava a entrevistar, tal era o medo de que tudo estivesse sob escuta.) Ao mesmo tempo, temendo e reverenciando Putin, eles dependiam do seu favor para obter acesso a empréstimos bancários ou a contratos estatais, até então as principais formas de ganhar dinheiro na Rússia. Tratava-se de um sistema mafioso em que os negócios eram feitos com base em "entendimentos" informais, como os que regulavam as máfias. Quando todo o sistema foi construído sobre corrupção, subornos e acessos, todos os participantes podiam ser controlados. Putin e os seus homens teriam kompromat sobre todos – desde homens de negócios até funcionários estatais que recebiam subornos. Era uma forma de manter toda a gente em alerta, plenamente consciente de que, a qualquer momento, se saíssem da linha, poderiam ir para a prisão. A autoridade estatal transformara-se num grande negócio, e esperava-se que cada funcionário do governo usasse a sua posição para ganhar dinheiro, disseram dois ex-funcionários do Kremlin.

Para os banqueiros ocidentais que tinham trabalhado tão intensamente para integrar os bilionários russos na economia global, a dependência do Kremlin parecia sempre uma questão secundária. Tinham ficado cegos com a torrente de dinheiro que fluía para a City de Londres, proveniente da antiga União Soviética, e tinham passado a depender cada vez mais dele, especialmente quando o sistema bancário ocidental entrou em derrocada na crise financeira de 2008. Naqueles

dias, um banqueiro de topo ocidental contou-me como ele e os seus colegas encomendavam relatórios de diligência prévia sobre novos clientes que convenientemente se autodestruíam nos seus computadores, uma vez lidos, apagando tudo o que pudesse fazer soar o alarme. Por precaução, todo um ramo de firmas de investigação empresarial cresceu a produzir relatórios de fundo que, convenientemente, branqueavam os historiais coloridos dos magnatas russos.

Os dados sobre o total de fluxos de entradas de dinheiro russo em Londres são escassos. A maior parte chega à City através de empresas de fachada offshore de Chipre, das Ilhas Virgens Britânicas e do Panamá, por exemplo, ou através das dependências da Coroa Britânica de Jersey, Guernsey e da Ilha de Man, conhecidas por ocultarem o beneficiário efetivo em camadas impenetráveis. Este sistema explorou uma lacuna entre os sistemas fiscais continental e anglo-saxónico, o que quase eliminou a tributação no seu conjunto. A maior parte do dinheiro que inundou Londres, nos últimos dez anos ou mais, tem sido de origem desconhecida. Acreditava-se que muito desse dinheiro era proveniente do estrangeiro, cuja origem inicial era impossível de identificar. Mas os corretores imobiliários londrinos estavam bem cientes de que os seus maiores clientes, que esbanjavam milhões nas melhores propriedades da capital, eram da antiga União Soviética, enquanto os advogados e banqueiros da City faziam fila para atender aos milhares de milhões de dólares à disposição dos magnatas russos. Em geral, des-

conhecia-se que os lordes britânicos a quem pagavam generosos salários para se sentarem nos conselhos de administração das empresas russas tinham pouca capacidade de supervisão das atividades empresariais. "Em Londres, o dinheiro regula tudo", disse um magnata russo. "Qualquer pessoa e qualquer coisa pode ser comprada. Os russos vieram a Londres para corromper a elite política do Reino Unido." "Os russos sabem muito bem como jogar o jogo", disse um antigo importante banqueiro londrino com laços no topo do poder do Kremlin. "Eles manipulam muita gente com dinheiro. Eu poderia nomear umas cinquenta pessoas. O que pensa que todos esses lordes estão a fazer nos conselhos de administração das empresas russas? Está a ser pago a 500 000 libras por ano."

Quando Londres ficou conhecida como "Londongrad", ou "Moskva-na-Thames" (Moscou no Tamisa), dois dos bilionários mais ricos da Rússia, Roman Abramovich e Alisher Usmanov, sendo este último um magnata dos metais nascido no Uzbequistão, cujo negócio sempre andou de mãos dadas com o Estado russo, fixaram residência na cidade e tomaram posições de destaque na lista dos dez mais ricos do jornal The Sunday Times. Foi fortemente negado, em nome dos dois magnatas, que alguma vez tivessem procurado corromper ou infiltrar-se de alguma forma na elite política britânica. Para um magnata russo, o processo lembrou-lhe uma historietta soviética muito antiga. Naquela altura, a União Soviética encaminhava-se para a bancarrota e o KGB preparava-se para enviar um agente para os Estados Unidos. O agente inventara uma cobertura bastante apelativa: chegaria à América como um homem rico, com uma frota de iates e uma mansão de luxo. Toda a alta sociedade americana viria até ele. O agente garantiu ao seu chefe do KGB que o plano seria eficaz, e aquele apoiou-o sem reservas. No entanto, quando foi necessária a aprovação do departamento financeiro, a ideia teve de ser alterada. O agente foi informado de que não havia verba para um tal esquema; em vez disso, teria de emigrar para os EUA como um sem-abrigo e sem dinheiro. "Era esta a situação", concluiu o magnata. "E agora o sonho tornou-se realidade. Eles têm grandes iates e aviões particulares. E têm grandes casas aqui... Um grupo inteiro que desceu para o Ocidente. A infiltração no Reino Unido foi bem-sucedida." ■

visao@visao.pt

Em geral, desconhecia-se que os lordes britânicos a quem pagavam generosos salários para se sentarem nos conselhos de administração das empresas russas tinham pouca capacidade de supervisão das atividades empresariais. "Em Londres, o dinheiro regula tudo", disse um magnata russo